

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
PÓLO DE GRAVATAÍ

FÁRIDA DIAS DA SILVA

**O BULLYING E SEUS REFLEXOS NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

PORTO ALEGRE

2010

FÁRIDA DIAS DA SILVA

**O BULLYING E SEUS REFLEXOS NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp
Tutora: Bianca Silva Costa

PORTO ALEGRE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho aos meus queridos alunos, que foram o objeto do meu estudo e que estão sempre contribuindo para o meu aprendizado, meu crescimento profissional e também para minha realização pessoal.

AGRADECIMENTOS

- Em primeiro lugar agradeço Deus por ter me iluminado a todos os momentos.
- Aos meus pais Adão e Olga (in memóriam) que me deram a vida.
- Ao meu marido Aurino que soube compreender e me apoiar nos momentos difíceis em que me encontrei.
- As meus filhos Murilo e Marian pelo carinho, paciência e dedicação durante essa caminhada.
- Aos meus irmãos e cunhadas pelo constante incentivo em todos os projetos de minha vida.
- Aos professores, em especial ao Professor Paulo e a tutora Bianca pela orientação, carinho e dedicação de compartilhar comigo seus conhecimentos.
- A professora Geny, pela atenção e carinho em toda a caminhada.
- A Vera Calleti, gerente do Pólo de Gravataí, que não mediu esforços para atender aos nossos anseios.
- As colegas de trabalho e de curso: Cátia, Sandra, Verônica e Zélia e também a todos os amigos que de alguma forma se fizeram presentes nessa jornada.

“Não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.”

Augusto Cury

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade abordar o conhecimento sobre o “*BULLYING*” e os seus possíveis reflexos em uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre. É importante ressaltar que o *bullying* pode ser observado em algumas agressões físicas ou morais entre alunos, podendo acarretar vários tipos de consequências importantes no aprendizado escolar, tanto para quem comete como para as vítimas. Muitas vezes, quando ocorre o *bullying* no ambiente escolar, os profissionais de educação ficam indiferentes, e foi essa inquietação que possibilitou a reflexão deste trabalho. Para tanto, convém observar que esta pesquisa tem uma abordagem de cunho qualitativa e os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram realizados através de observações e da aplicação de entrevistas. A partir desta metodologia, buscou-se detectar a existência ou não, do *bullying* nesta instituição. Dentre as principais autoras que deram suporte para a realização desta pesquisa, encontram-se: Cléo Fante e Ana Beatriz Barbosa. Por fim, concluiu-se a importância do papel do professor e da escola para detectar comportamentos relacionados ao *bullying*, e coibi-los através de ações educativas que visem à convivência saudável e harmoniosa, reconhecendo e respeitando a diversidade existente. Neste sentido, é importante observar que tanto a escola quanto os pais são responsáveis pelas crianças, não podendo ser omissos sobre este aspecto. A prevenção ao *bullying* deve ser desenvolvida com a criação de programas em favor da criança e do adolescente.

Palavras-chave: bullying - violência psicológica – violência escolar - aprendizado.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	REFLETINDO SOBRE O BULLYING	12
	2.1 DESCRIÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA	15
	2.2 A INSTITUIÇÃO ESCOLA	17
	2.3 A FAMÍLIA.....	22
3	O BULLYING EM UMA ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	25
	3.1 OS ENVOLVIDOS NO PROCESSO: AS TESTEMUNHAS	31
	3.2 O(S) AGRESSOR(ES).....	32
4	PROPOSTA PARA EVITAR O BULLYING NA ESCOLA.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS.....	41
	APÊNDICES	42

1 INTRODUÇÃO

“O Bullying”¹ é estudado no presente trabalho diretamente relacionado com o âmbito escolar. Não serão mencionados apenas aqueles que são de maneira direta envolvidos, mas sim, todas as pessoas que de alguma maneira contribuem, sendo alheias ou mesmo coniventes com esta realidade, desde professores até os pais das crianças e adolescentes.

No Brasil, a palavra “Bullying” é utilizada principalmente em relação aos atos agressivos entre alunos e/ou grupos de alunos nas escolas. Até pouco tempo, o que hoje reconhecemos como Bullying, era visto como fatos isolados, “briguinhas de criança”, e normalmente a família e a escola não tomavam atitude nenhuma a respeito. Atualmente o Bullying é reconhecido como problema nas escolas, e com consequências sérias, tanto para vítimas, quanto para agressores. As formas de agressão entre alunos são as mais diversas, como empurrões, pontapés, insultos, espalhar histórias humilhantes, mentiras para implicar a vítima em situações constrangedoras. Inventar apelidos que ferem a dignidade, captar e difundir imagens (inclusive pela internet), ameaças (enviar mensagens, por exemplo), e a exclusão. Entre os meninos, os tipos de vitimação são mais de cunho físico. Ainda que não efetivada a agressão física, os agressores costumam ameaçar, provocar medo em suas vítimas. Já as meninas agressoras costumam espalhar rumores mentirosos, ou ameaçarem e espalharem segredos para causar mal estar.

As ameaças podem vir acompanhadas de extorsão, chantagem para obter dinheiro. Tanto vítimas quanto agressores podem sofrer consequências psicológicas desta situação de abuso, porém o que normalmente acontece, é que todas as atenções dos responsáveis (pais e professores) se voltem para o agressor, visto como um marginal em potencial, e a vítima é esquecida.

¹ A palavra “Bullying” é de origem inglesa. Bullying é um ato caracterizado pela violência física e / ou psicológica, de forma intencional e continuada, de um indivíduo, ou grupo contra outros indivíduos, ou grupos, sem motivo claro. Encontrado no site: <http://www.infoescola.com/sociologia/bullying-na-escola/> Acesso em 1º/09/2010.

O interesse por essa temática surgiu no final do meu estágio curricular através de um aluno do 3º ano que teve “Legg-Calve-Perthes,” uma doença rara degenerativa que atinge o quadril e acomete crianças entre 4 e 9 anos de idade. Ele precisou fazer diversas intervenções cirúrgicas na coxa para corrigir a deficiência. Mesmo assim, a perna direita ficou um pouco mais curta. Além disso, ele está um pouco acima do peso, o que foi motivo para “gracinhas” de alguns colegas.

Os “maldosos” só o incomodavam e o provocavam quando não havia nenhum adulto por perto. Isso ocorreu por alguns meses, até que um dia ele conseguiu “desabafar” com uma professora que o encontrou chorando no banheiro da escola. No seu desabafo incluía até mesmo seus próprios familiares, que o chamavam de “baleia” por ele não conseguir perder peso.

Além desta situação do meu estágio, também ocorreu um fato semelhante na turma da 5ª série onde leciono matemática e ciências no turno da tarde, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da grande Porto Alegre. Recebi um aluno no mês de abril deste ano que é filho de brasileira com japonês. Em razão da miscigenação tem os olhos verdes puxadinhos. Foi o suficiente para uma liderança da sala se salientar. O menino sofreu humilhação por conta de sua aparência e também por ser muito esforçado e dedicado aos estudos.

As observações preliminares me motivaram a pesquisar mais sobre este assunto em razão de perceber o quanto esta prática prejudica tanto o agredido quanto o agressor no processo de ensino-aprendizagem, bem como também no seu perfil psicológico e emocional, principalmente nesta fase que eles estão formando sua personalidade.

Com o intuito de aprofundar tal compreensão, foram coletados dados através de um questionário junto aos alunos das duas turmas da 5ª série de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. Eles responderam a um questionário com questões de múltipla escolha e questões abertas. A pesquisa busca descrever os principais envolvidos (vitimados e seus responsáveis, perfil dos agressores e principais locais em que o bullying ocorre), bem como os problemas que este fato pode ocasionar, tornando-se um fator gerador de consequências importantes dentro e fora do contexto escolar.

Esta pesquisa analisará diversas bibliografias encontradas em livros, sites, registros sistemáticos da observação direta de alunos vitimados pelo Bullying, entre outras fontes.

A pesquisa junto aos sujeitos mencionados teve por objetivo:

- Verificar se existe a consciência do fenômeno Bullying.
- Caracterizar os sujeitos envolvidos no processo de Bullying.
- Identificar o papel da família na prática do Bullying.
- Refletir sobre o papel da instituição frente a essa problemática.
- Discutir as consequências que o Bullying pode acarretar nos sujeitos.

Também é preciso destacar que um estudo desta natureza permite analisar os efeitos no aprendizado escolar, tanto para quem comete como para as vítimas do Bullying. Muitas vezes, quando ocorre o Bullying, os profissionais da educação ficam indiferentes com esta situação e, como decorrência, esta violação moral ou física pode deixar sequelas graves para a vida da criança e do adolescente. É importante observar que tanto a escola quanto os pais são responsáveis pelas crianças, o que se conclui que não deverão ser omissos sobre este aspecto.

Por fim, cabe enfatizar que tal temática vem sendo amplamente estudada na área educacional por autores como: Adriana Pires Souza Cidade- Bullying Escola, uma realidade ainda desconhecida, Cléo Fante, Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz, Ana Beatriz B. Silva, Bullying: Mentas Perigosas nas escolas.

2 REFLETINDO SOBRE O BULLYING

Desde a década de 80, na Europa, pesquisadores iniciaram a tarefa de nomear determinadas condutas de jovens entre si, dentro de seus universos acadêmicos.

Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-BULLYING nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.²

Segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), o Bullying pode ser definido por meio de algumas ações, tais como: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, dominar, amedrontar, tyrannizar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, etc. Podemos considerar com o bullying todas as ações citadas pela ABRAPIA e também como um sério problema de assédio moral, uma vez que essa prática pode fazer com que a criança ou o adolescente acredite no que dizem sobre eles, devido à pressão e repetição das humilhações.

Foram esses estudos que fizeram a distinção entre as brincadeiras naturais e saudáveis, típicas da vida estudantil, daquelas que ganham requinte da crueldade e extrapolavam os limites de respeito pelo outro.

Na fase escolar sabemos que colegas “zombam,” colocam apelidos uns nos outros, dão muitas risadas e se divertem. No entanto, quando as “brincadeiras” são realizadas repletas de “segundas intenções” e até de perversidade, tornam-se verdadeiros atos de violência devido ao caráter repetitivo.

² Pode ser encontrado em: <http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm>, acesso em 12/09/2010

Nessa situação, utiliza-se o termo bullying, que abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitados de reagir frente às agressões sofridas. Esta prática se repete há décadas no ambiente escolar. Ao realizar os estudos preliminares acerca deste tema, estou convicta que fui vítima desta prática na minha infância. Acredito na necessidade de observar que esta não é abordada ou concentrada apenas no indivíduo vítima ou num ato isolado de cada indivíduo envolvido (vítima ou agressor).

Podemos entender por bullying todas as formas de comportamento que sejam consideradas agressivas, repetidas e intencionais, que podem ocorrer sem qualquer tipo de motivação que seja evidentemente clara. O bullying pode ser adotado por um ou mais estudantes contra outros, trazendo como consequências a angústia e a dor, sendo ainda, executado em uma relação em que haja uma desigualdade de poder.

O bullying são atos repetitivos entre os iguais, ou seja, os estudantes, contando com a existência de certo desequilíbrio de poder, sendo estas as características essenciais que possa intimidar uma determinada vítima. Tanto a agressividade quanto a violência são as formas mais hostis de tratamento que um ser humano pode ter. Atos considerados tão comuns na vida de algumas pessoas podem de maneira fácil ser manifestados no âmbito escolar, o que tem deixado cada vez mais preocupada a nossa sociedade. A educadora Cléo Fante diz:

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos com internos à escola, caracterizado pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais. (2005, p.168)

Podemos notar que existem várias situações que são vivenciadas por uma criança, podendo acarretar um crescimento com princípios de vida muito distorcidos, o que faz com que tenham a sua essência mudada e transformando-a em uma possível praticante do bullying. No dicionário Michaelis- Moderno Dicionário Inglês, o termo

“bully” tem o significado de “brigão”, e ainda, como verbo transitivo de “ameaçar, amedrontar, intimidar.”³

O bullying no mundo todo é conhecido por esse termo, isto porque, devido ser muito complexo, nenhum outro país encontrou em sua língua própria um nome que fosse adequado para tentar definir. Assim, em decorrência da expressão bully, ele reuni todas as suas ações, tais como: humilhar, apelidar, intimidar, aterrorizar entre outros. É considerado como uma espécie de comportamento agressivo, tendo como característica principal a intencionalidade e a repetição.

A autora Cléo Fante nos mostra uma definição de bullying numa visão considerada importante:

Bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Esse termo conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, e é utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre violência escolar. (2005, p.27)

Estes tipos de acontecimentos ocorrem nas escolas, sendo realizados de diferentes maneiras e devido a vários motivos. Além disso, muitos adultos consideram estas atitudes normais em relação à idade das crianças e dos adolescentes, sendo errôneo este pensamento. São espécies de atitudes que podem demonstrar uma variação no nível de agressões, mas sob o aspecto independente disso, podem ser causadores de sofrimentos emocionais daqueles que estão envolvidos nessas atitudes.

Temos certa confusão na maneira de interpretação do bullying por muitas pessoas, pois algumas acham que simplesmente pode ser a atribuição de certos apelidos que são pejorativos, estando associado exclusivamente ao ambiente escolar. Porém, esta prática também pode ocorrer nas universidades, no trabalho ou até mesmo com nossos vizinhos.

³ Essas informações podem ser encontradas em: MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO INGLÊS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php>. Acesso em: 09/09/2010.

Com já vimos anteriormente, a prática do bullying pode se dar de diversas maneiras, mas não é muito difícil detectar como pode se manifestar, pois uma simples brincadeira poderá dar ensejo a algum tipo de agressão alcançando proporções maiores.

A autora Sonia Makaron diz:

Ofensa não é brincadeira. Intimidação não é brincadeira. Mentir com intuito de “ferrar” alguém, não é brincadeira. Porque o bullying não é brincadeira. É um tipo de atentado à integridade psíquica, física e social infringindo a alguém que será considerado e tratado como uma vítima. E deve se sentir assim. Vai perder todas. Não vai ter razão. Vai ficar à espreita. Portanto é vítima dos ataques do agressor e vítima de si própria, pois se sente impotente para fazer frente ao agressor e se colocar com integridade nas situações.⁴

Atualmente o bullying já é definido como um problema sério pela rede educacional e, por isso, deve estar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente. A falta de conhecimento sobre a existência, o funcionamento e as consequências do bullying propiciam o aumento no número e na gravidade de novos casos.

2.1 DESCRIÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

Ambas as escolas que são objeto do presente estudo são públicas e localizam-se em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, sendo que uma é municipal e a outra é estadual. A escola Estadual de Ensino Fundamental, funciona em dois turnos, da Pré-escola até o 5º ano, tendo matriculados aproximadamente 400 alunos, atendendo uma população de nível sócio-econômico baixo, com renda em torno de um salário mínimo. A Escola tem 49 anos e os prédios já estavam bastante precários. No ano passado iniciou-se uma reforma que ainda não foi concluída. No que se refere à tecnologia, a direção e a secretaria contam com a Internet (DSL). Há uma sala que foi adaptada para o Laboratório de Informática, porém ainda não conta com equipamentos.

⁴MAKARON, Sônia. Bullying: Como enfrentá-lo? Disponível:
http://www.bullying.pro.br/images/stories/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf Acesso em 15.09.2010.

Possui uma quadra que foi reformada e será inaugurada em breve com um torneio entre as turmas. A biblioteca também passou por reformas e ainda está em fase de organização, embora não tenha professor que atenda a demanda escolar. Mesmo assim ela possui um pequeno acervo de materiais em vídeos pedagógicos e livros e funciona mediante agendamento do professor.

A Direção da escola é bastante aberta no sentido de apoiar e incentivar as iniciativas inovadoras junto com a comunidade escolar. Infelizmente não temos até o momento Orientador Educacional nem Supervisão. Temos apoio da direção para a orientação quando necessário.

A minha turma do 3º ano (12 meninas e 12 meninos) assim como a grande maioria dos alunos não reside no entorno da escola que se localiza no centro da cidade. Os alunos residem em outros bairros, e a prefeitura disponibiliza ônibus com passe escolar.

A faixa etária dos meus alunos varia de 7 a 14 anos. São crianças carentes mas muito afetivas que precisam de um olhar diferenciado, pois a turma é bastante heterogênea. Os alunos pertencem a famílias bastante humildes e algumas com histórico de grandes dificuldades. Os responsáveis não são tão solícitos e presentes como deveriam e a grande maioria já não vivem com os pais biológicos e sim com algum familiar próximo.

Tenho alguns casos de alunos especiais. Um deles é uma menina de 13 anos que em consequência de uma meningite ficou com sequelas neurológicas. E um menino de 14 anos que está com problemas sérios devido a uso de drogas que ele está tentando abandonar. O aluno apresenta muitas dificuldades de aprendizagem e carência afetiva. Os demais alunos apresentam-se na faixa etária esperada para a série, sendo que a grande maioria demonstra certa facilidade na construção do aprendizado. Dos 24 alunos, 4 são repetentes da série atual. A sala de aula possui um espaço físico adequado, permitindo o desenvolvimento de atividades variadas.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental em que realizamos o estudo e na qual leciono há 16 anos, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, situa-se

num bairro de classe média baixa, atendendo em torno de 450 alunos, da Educação Infantil até a 8ª série. Os alunos se caracterizam pelo fato da maioria não morar no mesmo bairro da escola. Aproximadamente 80% deles residem em bairros vizinhos, sendo que se deslocam a pé e sem a companhia de adultos para ir ao colégio e retornar para suas residências.

Cléo Fante descreve que os envolvidos no bullying concentram-se na sua maioria entre a 5ª e a 6ª série, e na faixa etária entre 13 e 14 anos, porém isso não quer dizer que o bullying não ocorra em outras faixas etárias e em outras séries. Em razão desta característica, escolhemos para realizar a pesquisa as duas turmas da 5ª séries da escola, composta no total por 55 alunos. A grande maioria dos alunos não se encontra na faixa etária esperada para a série, pois há histórico de repetência e de evasão. Observa-se também um descaso por parte dos pais ou responsáveis, pois quando é solicitada a presença deles na escola, se omitem e não comparecem nem mesmo para receber as avaliações de desempenho dos filhos.

2.2 A INSTITUIÇÃO ESCOLA

A escola é uma das instituições mais importantes para as crianças e os adolescentes. Ela desempenha a função de desenvolvimento social tanto sob o aspecto cognitivo como afetivo. Porém, se a criança e o adolescente muitas vezes se encontram em situações de tensão, isso tende a criar um déficit no seu desempenho escolar.

As salas de aula tradicionais, com um professor falante e alunos ouvintes, estão fadadas ao fracasso. Dificilmente o professor conseguirá manter a atenção do aluno. É a mudança didática que pode proporcionar de fato a e a interdisciplinaridade. O modelo do mundo social exterior é reproduzido dentro das escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços, onde há violência.

Os professores continuam com a tarefa de apresentar o conhecimento e o mundo aos aprendizes. A escritora Nélide Piñon, em seu livro *Aprendiz de Homero*, fala que, apesar de não ser mestre, acredita na educação e no educador:

Educar é defender o exercício e a prática que transformam o sujeito passivo em sujeito da própria história. É dar fé a quem esteja na sala de aula de ser uma entidade inviolável, uma aposta de futuro. Educar é prender o aluno à escola, empenhar todos os recursos para evitar a evasão escolar, a fuga da vida. É despertar nele o desejo de vir a ser um projeto existencial magnífico, sem brechas, fissuras. é um ser aparelhado para opor-se à barbárie. Pois quem senão o mestre tem habilidade de chegar mais perto e rapidamente ao coração do jovem que recém deixou as paredes da casa? (2008, p.27)

Os professores precisam estar atentos para perceber quando algum aluno pode estar pedindo ajuda: isolamento do convívio social, pedido de troca de turma, faltas constantes e sem justificativas, queda no rendimento escolar, entre outros. A escola deve proporcionar formação continuada para que os profissionais da educação possam intervir não no problema já constatado, mas sim na prevenção.

A criança que está sendo vítima de bullying se isola na hora do recreio ou procura ficar perto de um adulto que possa protegê-la. Na sala de aula pode apresentar postura retraída, tendo dificuldade em perguntar ou de emitir sua opinião, além de demonstrar tristeza e aflição. Nos jogos e trabalhos em grupo são sempre as últimas a serem escolhidas e vão aos poucos se desinteressando pelas aulas. Seu rendimento escolar tende a cair. Quando não há intervenções efetivas contra o bullying, o ambiente escolar pode se tornar difícil. As crianças podem se afetadas, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos que testemunham as situações de bullying, quando percebem que o comportamento agressivo não traz nenhuma consequência a quem o pratica, poderão passar adotá-lo.

É preciso um professor que se comunique adequadamente com os alunos. A comunicação é o elemento humanizador que aproxima as pessoas, cria identificação e companheirismo, clarifica as semelhanças e esclarece as diferenças. Por meio de diálogo as pessoas aprendem sobre as outras. Aprendem a compreender e a ser compreendidas, a confiar e a se tornarem confiáveis.

Quando o círculo é perverso, é preciso rompê-lo. É de paz que a família precisa para que cumpra a sua finalidade de proteger e preparar. Paz não é apenas ausência de guerras ou brigas. É atitude ante a vida humana que requer autonomia, liberdade, amor. Com esses conceitos, fica mais fácil entender o que é o Ser, e conseqüentemente, as lições do conviver. Quando as inquietações individuais são compreendidas e harmonizadas, a relação com o grupo fica muito mais fácil.

A comunidade educativa precisa ser tocada, seduzida por um projeto que deve focar o fortalecimento das relações e o fim das violências. A violência não tem espaço próprio, ela só ocupa os ambientes que a amizade não ocupou. Logo, o cultivo das relações faz que ela deixe de existir.

A escola é um espaço rico de possibilidades, de descobertas diárias da arte de ensinar e de aprender, de conviver, de viver em harmonia. As relações professor aluno e aluno aluno são um verdadeiro laboratório para a vida, pois estão repletas de dilemas, de conflitos de escolhas que permitem exercitar, resgatar e rever os princípios, os objetivos, os valores que nos mantêm unidos. A ação pode começar por poucos e vai contagiando muitos, até que atinja todos.

Quando as coisas não estão bem, os alunos sinalizam com a famosa indisciplina, acompanhados por desinteresse, enfrentamento, rebeldia, descaso pelos conteúdos transmitidos em aula e desprezo pelas pessoas. As relações vão ficando sutilmente violentas: uma resposta atravessada, um olhar de deboche, uma fala desinteressada, uma ameaça velada, uma risadinha irônica, até que a situação foge do controle dos professores.

A escola é um lugar que reúne muita gente. Diferentes olhares, gostos, caprichos, talentos, sentimentos, sonhos, necessidades, histórias de vida, contextos. E esse lugar tão especial também guarda uma missão igualmente especial: fazer toda essa gente feliz, com princípios de justiça e equidade social. Essa missão pode parecer óbvia, mas não é nada simples, pois cada pessoa tem sua maneira única de ser feliz.

O primeiro passo é organizar o trabalho coletivo, envolvendo tanto os professores quanto os demais profissionais ligados à escola, e estabelecer uma estratégia de ação focada em três objetivos:

- Neutralizar os agressores.
- Auxiliar e proteger as vítimas.
- Transformar os espectadores em aliados.

Esse primeiro passo exige uma postura de dispor-se estrategicamente a proteger e instigar a vida, fazendo frente ao sofrimento. As questões que envolvem o tema da violência nas escolas têm motivado numerosas discussões e reflexões de educadores de várias partes do mundo. Há um clima de perplexidade diante de atitudes cruéis que ferem diretamente um indivíduo, porque, indiretamente ferem a sociedade.

Quanto à atuação do educador, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.146) dizem: O trabalho com questões sociais exige que os educadores estejam preparados para lidar com as ocorrências inesperadas do cotidiano. Existem situações escolares não programáveis, emergentes, às quais devem responder, e para tanto, necessitam ter clareza e articular sua ação pontual ao que é sistematicamente desenvolvido com os alunos de modo coerente.

O bullying é um fenômeno complexo, muitas vezes banalizado e confundido com agressões e indisciplina. Exige observação atenta e presença constante, pois normalmente as vítimas são aterrorizadas em áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão. Quem nunca foi zoadado ou zoou alguém?

As atitudes de desarmonia no grupo nascem de razões diversas. Não há um manual que ensine o que fazer para que o aluno não se sinta diminuído em razão do bullying. Não há receita para que, em decorrência dessas agressões, o aluno não se transforme em uma pessoa cujos bloqueios dificultem a relação com outras pessoas.

Risadinhas, piadinhas, fofocas, apelidos. Todos nós, em algum momento de nossas vidas, testemunhamos essas brincadeiras de mau gosto, ou fomos autores ou vítimas. Contudo, essa rotina de xingamentos e ofensas, considerada normal por muitos

pais, alunos e até educadores esta longe de ser inocente, pois o bullying é um comportamento ofensivo, humilhante que desmoraliza de maneira repetida.

Quando as escolas constatarem os atos de bullying, imediatamente, os pais devem ser avisados, bem como orientados para participarem em conjunto de soluções que tenha por finalidade interromper estes atos. Além disso, os pais devem ser instruídos a não agir de forma violenta com as crianças, mas sim, com calma e controle, mostrando os limites e tentando buscar saídas.

Adriana Pires Souza Cidade, nos mostra alguns programas que visam o combate do bullying nas escolas:

Dentre os vários programas visando precaver o bullying escolar, temos algumas propostas voltadas para cultura e paz. Entre elas, "Valores que não têm preço" (Associação Palas Athena - www.palasathena.org.br) que já formou 10.000 educadores em Valores Universais, Ética e Cidadania. "Semana Gandhi", que desenvolve, desde 1982, atividades de reflexão e programas de ação comunitária sobre pedagogia, fundamentos e métodos da Não-Violência; "Programas preventivos nas áreas de educação infantil, saúde, assistência social e arte da Associação Comunitária Monte Azul (www.monteazul.org.br); "Iniciativas do COPIPAZ (Comitê Primeira Infância na construção de uma cultura de paz - www.copipaz.org.br) - Carta Compromisso; Simpósios nas áreas de saúde e educação; Publicações; Programa de Desarmamento Infantil; Programa de arte "As cores da paz das crianças do Brasil. (2008, p.45)

Visando a segurança das crianças contra a grande incidência do bullying nas escolas, alguns países procuram minimizar este problema com vários tipos de abordagens. No Reino Unido existe um programa para estimular as crianças que são vítimas para escreverem seus sentimentos e depois fazer a leitura em voz alta para uma pequena quantidade de amigos, demonstrando o quanto é prejudicial, fazendo com que seus amigos lhes mostrem algumas sugestões para que haja a melhora naquela situação. No caso dos Estados Unidos, o programa tem como objetivo atingir o bullying por meio de treinamento dos alunos, professores e funcionários para que não haja tolerância de qualquer tipo de agressão e que ocorra a denúncia caso ocorra.

2.3 A FAMÍLIA

A família é a primeira entidade que acompanha a existência humana. Através dela se vivencia sucessos e fracassos, irregularidades e correções. Cada pessoa traça diferentes rumos, conceitos e transformações, construindo a partir dela a sua trajetória.

Os pais de alguma forma contribuem para a descoberta da razão de existir. É numa estrutura familiar sólida que a criança e o adolescente vão suprir suas necessidades de amor, de valorização de limites e de coerências. Valores que contribuem para o desenvolvimento de habilidades de autodefesa e de auto-afirmação.

Seja qual for a estrutura da família, todas necessitam de responsabilidades que convoque pais (responsáveis) e filhos ao exercício de suas funções. Independente de sua configuração, a família nunca deixará de ser a referência mais importante para o indivíduo. É fundamental considerar que os pais são os principais modelos de identificação dos filhos. Quando a família abre mão da relação de confiança, companheirismo e amizade abrem também espaço para a violência, para as atitudes que enfraquecem e isolam atrás de grades e muralhas.

A violência que invade ou nasce no espaço familiar se expande para todos os outros segmentos da sociedade como uma teia de relações destrutivas que se reproduz e contamina os ambientes e as pessoas. Condenamos as guerras, as ações terroristas, a violência nas escolas e nas ruas e sem nos darmos conta, muitas vezes convivemos com a violência em nossos lares.

A violência não é um fenômeno firmado apenas numa decisão individual. Invariavelmente surge em decorrência de um contexto social favorável. O autor do bullying, não escolheu apenas agredir: em algum momento descobriu que poderia fazê-lo sem ser punido. Os pais são espelhos para os filhos, isto é, os filhos acreditam que podem ser como os pais lhe demonstram que são.

Elogios sinceros, sem demagogias nem exageros, funcionam como prêmios. Premiação é sempre bem vinda. A criança precisa estar segura de que os pais serão razoáveis diante dos desapontamentos e que serão os primeiros a encorajá-la,

proporcionando oportunidades para transformar desafios em conquistas, temores em valores, erros em acertos.

Existem pais que pensam que é natural o filho sofrer para se tornar um adulto forte. Isso faz com que os pais ignorem no início uma situação que pode se tornar grave. Os pais precisam estar atentos a alguns sinais que a criança pode apresentar: Chegar em casa com a roupa rasgada ou suja, pedir dinheiro todos os dias para o lanche (para entregá-lo ao agressor), ficar mais tempo dentro do quarto sozinho, não querer conversar e em casos mais graves ter insônia, aumento ou redução do apetite, queixar-se frequentemente de dores de cabeça, enjôo e náuseas perto da hora de ir para a escola. Outros sinais são quando tornam-se repentinamente descuidadas com tudo que esteja relacionado aos afazeres escolares, chegando até em casos de depressão grave que podem levar até ao suicídio.

O bullying é uma violência silenciosa, e a vítima nem sempre tem em sua bagagem habilidades pessoais desenvolvidas para livrar-se da agressão, ou nem sempre encontra espaço para compartilhar com os pais o sofrimento por qual ela passa. A vítima do bullying é a pessoa que mais sofre porque não há qualquer tipo de prazer como no caso do agressor, que ao praticar o bullying, passa a se sentir triunfante quando consegue atingir sua finalidade principal, ou seja, humilhar o seu alvo com brincadeiras insultantes. A autora Cléo Fante tem o seguinte entendimento sobre a questão:

As vítimas típicas são aqueles que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídos ou tímidos e não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si. Geralmente apresentam aspecto físico mais frágil ou algum traço ou característica que as diferencia dos demais. Demonstrem insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade, passividade, submissão, baixo-estima, dificuldade de auto-afirmação e de auto-expressão, ansiedade, irritação e aspectos depressivos. No entanto, é preciso salientar que o fato de algum aluno apresentar essas características não significa que seja ou venha a ser vítima de bullying. (2005, p.59)

É importante que os pais estejam atentos a alguns indicadores, que vão dos mais simples aos mais desesperados pedidos de socorro: desinteresse pela escola, abandono dos estudos, sinais de isolamento, mudança de comportamento, etc.

Na prática do bullying há sempre três personagens fundamentais: o agressor, a vítima e a platéia. Acreditamos que independentemente do lado que a criança estiver, os pais e responsáveis são essenciais para identificar e procurar resolver o problema. A família precisa manter um canal de comunicação e de confiança entre seus membros. Muitas vezes o bullying está diretamente ligado a falhas na educação que deveria ser ensinada pelos pais. Uma pesquisa divulgada este ano pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD,⁵ conclui que 25% dos pais atribuem à escola a responsabilidade da educação integral dos seus filhos.

Conceitos como respeito, cidadania, responsabilidade, justiça, moral e ética deveriam ser aprendidos e principalmente aplicados em casa. E esta função está sendo repassada às escolas e um dos resultados está sendo este que a mídia veicula: índices cada vez maiores de crianças e adolescentes vitimados pela prática do bullying.

Os pais cobram da escola, a escola responsabiliza os pais. A sociedade exige que a escola invoque valores de solidariedade e respeito ao próximo que ela mesma ignora. É ingênuo acreditar que um único segmento seja capaz de isoladamente erradicar a violência. Se a causa é a ausência de amizade, respeito e solidariedade entre pessoa, então o primeiro passo é resgatar essa parceria (Revista Mundo Jovem, 2009).

⁵ Estas informações podem ser encontradas em: Revista Pirelli - Giro em casa, Ano 3, set./out. 2010, p. 17.

3 O BULLYING EM UMA ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Participamos de uma formação sobre Violência na Escola, organizado pelo Batalhão da Brigada Militar. Nesta ocasião, solicitamos uma palestra sobre o tema em nossa escola, que foi prontamente atendida, sendo ministrado por dois policiais militares que vieram até a nossa escola, onde atenderam os alunos das 5ª séries, além dos professores que lecionam nessas turmas. O tema foi o Bullying. A palestra foi muito proveitosa, esclareceu o que era Bullying e que tipo de situações deixam de ser “brincadeiras saudáveis” e acabam sendo prejudiciais a todos os envolvidos. Houve um momento dos alunos fazerem seus questionamentos e ficou visível pelo tom e teor das perguntas que havia vários alunos que foram vítimas de constrangimentos como apelidos, humilhações e isolamento, evidenciando assim a prática do bullying no nosso ambiente escolar.

Os estudantes que participaram da palestra foram convidados a organizar e apresentar uma peça de teatro sobre o tema. Eles foram desafiados a sensibilizar os colegas através da sua representação teatral e atualmente estão envolvidos nessa tarefa, pois a apresentação será realizada no mês de dezembro.

Após este primeiro momento foi solicitado que os alunos da 5ª série respondessem a um questionário, com questões de múltipla escolha e com respostas livres. Também foram entrevistados dois alunos vítimas de bullying, sendo um da 5ª série e outro do 3º ano. No roteiro de entrevista havia apenas questões de respostas livres. As mães desses dois alunos também foram entrevistadas com roteiro de dez questões livres.

Na primeira questão de múltipla escolha, constatamos que 52% dos alunos da 5ª série já presenciaram alguma situação de bullying, enquanto 45 % afirmaram que não presenciaram e 3% não quiseram responder. Na segunda questão quando foi solicitado se os alunos já haviam sido vítima do bullying, 49% disseram sim e 42% não, 9% não responderam.

Na primeira questão de respostas livre, quanto ao local de maior incidência do bullying, 9% disseram que presenciaram na entrada da escola, 13% afirmaram que ocorria nos corredores, 6% relataram que acontecia durante a prática de esporte, 4% na sala de aula sem o professor, 2% sala com o professor, 5% no banheiro, 2%, no refeitório, 19% na hora da saída, 17% no recreio e por fim, 23% relatou que presenciava na rua.

Na questão sobre “o que você pensa sobre quem pratica o bullying,” as respostas livres foram significativas:

Pergunta: O que você pensa sobre quem pratica o bullying?	
“Covardia, quem faz isso sempre está em maior número;”	“Liderança negativa;”
“Falta coleguismo;”	“Pessoa infeliz;”
“Necessidade de aparecer;”	“Sem limites;”
“Que não teve educação dos pais;”	“Já sofreu e agora quer se vingar;”
“Dispensável no mundo;”	“Alguém violento, porém covarde;”
“Desnecessário e desprezível;”	“Tenho raiva.”
“Cruel e sente prazer nas atitudes de maldade;”	“Judição!”

A última pergunta também de caráter livre questionava “por que você acha que existem colegas que praticam o bullying?” Eis algumas das respostas:

Pergunta: por que você acha que existem colegas que praticam o bullying?	
“Carência afetiva;”	“Impunidade;”
“Falta de limites;”	“Sentimento de poder;”
“Excesso de zelo;”	“Sensação de superioridade;”
“Pais ausentes;”	“A vítima não reage e demonstra medo;”
“A vítima não conta pra ninguém.”	“Já sofreram e agora estão se vingando!”

Pode-se constatar que o aluno que já foi vitimado pelo bullying não mora no entorno da escola, tendo que se deslocar a pé ou de transporte coletivo, ficando mais tempo na rua indefeso e sozinho à mercê dos agressores oportunistas. Percebe-se muita firmeza e maturidade nas respostas livres, até com um tom de revolta por parte de alguns, possivelmente daqueles que já sofreram calados este tipo de violência.

Também foram entrevistadas duas mães de alunos que foram vitimados pelo bullying e estão em processo de readaptação na turma. Um deles é novo na turma, sua mãe o trocou de escola justamente por estar sendo vítima do bullying e a escola anterior (também pública) não atender às suas expectativas quanto a uma solução. As respostas das mães foram aglutinadas, sendo que nos chama muito a atenção a observação que uma mãe faz com relação à criação dos filhos de “antigamente” e os de hoje: “Há décadas atrás, lembro do que meus pais e avós comentavam da sua infância. Os pais eram totalmente rígidos e autoritários na relação com seus filhos. O que eu vejo hoje é a liberação radical nestes relacionamentos (não que eu concordasse com todo aquele modelo). Porém, atualmente os pais tornaram-se excessivamente permissivos e

tolerantes e as crianças muito espertas, perceberam este descontrole e estão se aproveitando dessa situação.”

“A afetividade e a ausência deram lugar às exigências materiais como ganhar compensações através de presentes.”

“Os filhos que passam a ser o centro das atenções e as regras tornaram-se ignoradas ou até inexistentes.”

“Se não lutarmos para isto ter fim ou ter um propósito de reverter a situação, fazendo valer o direito de impor limites, para que nossas crianças e nossos jovens cresçam e se tornem adultos felizes, capazes de cooperar e prosperar com o próximo.”

Selecionamos algumas falas emocionadas delas:

“Como eu e meu filho sempre tivemos relacionamento aberto, observei que ele estava com medo de falar o que estava ocorrendo na escola. Todo o dia acordava chorando e falando que não queria frequentar as aulas, mas nunca me falava o porquê. O que me dói mais é que ele sofreu calado praticamente um ano”.

“Fizeram meu filho passar por todo tipo de constrangimentos: apelidos ofensivos, agressões físicas, destruição do material escolar (quebrar régua, ficar jogando o estojo de um colega para o outro, rasgar os trabalhos, rasgar folhas do caderno, pisar em cima, exclusão entre colegas (não permitirem a participação em trabalhos de grupo), professor desmoralizar em frente aos colegas: Se é menino têm de gostar de futebol! Palavras de uma professora de Educação Física, por ele comentar que não gostava de futebol, e que tinha interesse em outro esporte, como o basquete e vôlei”.

“De primeiro, achei que algo iria ser feito, como marcar reunião de pais, para entrar com o assunto em pauta. Estive em todas as reuniões marcadas e nada foi feito. O que eu ouvia era o mesmo de sempre, elas "crianças" sempre fazem isto "é normal." Como isto poderia ser normal? Uma criança não querer mais estudar?”

“A professora dizia que ela nada poderia fazer de concreto. O que estava ao alcance dela era conversar com os pais dos alunos, e que ela lamentava os ocorridos. Foi então que procurei o Serviço de Orientação da escola. Me encaminharam para a

psicóloga, para que eu e meu filho conversássemos com a profissional, que nos indicou um trabalho junto ao meu filho todos os dias fora do horário de aula. Ele foi, e eu pergunto: sobre os agressores? Nem foram encaminhados! Após o "trabalho" com a psicóloga, ele parecia se manter com o mesmo medo de frequentar as aulas, chorava muito. Então procurei a orientadora da escola novamente. Foi alarmante, foi sei lá, impressionante ter que ouvir o que ouvi da orientadora escolar naquele dia! Pasmeei... ela agiu assim: deu uns tapinhas nas costas do meu filho e disse: Ah, não fica assim! Tu vai tirar de letra, isso acontece, mas tu tens que reagir, não pode ficar apanhando quieto, vai e bate também! No início tu até vais ficar com dor e um roxinho aqui e outro ali, mas passa!" Pode? Uma orientadora escolar falar isto para uma criança de 10 anos de idade? Onde estamos, que escola é esta, que profissional é está que está orientando os alunos? Saí dali desorientada. Encontrei um rapaz que sempre cumprimentava meu filho (era o rapaz que ficava no pátio, abria os portões, circulava na hora do recreio), e me disse que sabia de tudo o que o meu filho vinha passando, que não adiantava eu conversar que não ia mudar." Nossa, era muita informação, estava difícil de acreditar que meu filho estava ficando com medo de estudar. Após sair da escola fui falar com duas amigas de minha mãe que são professoras há mais de 25 anos e que lecionaram durante muitos anos nesta escola, e para a minha surpresa me falaram para não perder mais tempo nesta escola, pois realmente ali eles discriminam os alunos que reclamam. Foi com a ajuda destas duas amigas que então troquei o meu filho de escola."

"É muito difícil este trauma, penso que meu filho ainda não superou! É um tipo de situação que deixa marcas pra vida, mas, acho que ele está aos poucos superando o que ele passou na outra escola."

"A atual escola que ele frequenta está conseguindo resgatar a dignidade que meu filho havia perdido, ele voltou a acreditar que é capaz!"

"Ele teve que fazer acompanhamento psicológico, pra elevar a auto-estima."

"Conversar sempre com seu filho, assegurar que tu és a amiga dele, e que está ali para ajudar. Por isso é importante ele conversar sobre o dia dele na aula, e caso desconfie de alguma coisa, procure os professores, vá de vez enquanto na escola,

procure saber o que está acontecendo na rotina do seu filho sem invadir muito na privacidade dele, para ele não se sentir coagido, e muito menos perseguido pelos pais.”

“Como já havia dito, há situações que marcam para a vida. Eu espero que realmente ele supere, mas isto é com o tempo. Ele ainda comenta fatos ocorridos que o deixam nervoso e ainda tem medo de que determinadas situações voltem a se repetir.”

“Sempre houve este tipo de abuso, mas parece que antes os profissionais das escolas (professores, orientadores, diretores, coordenadores), agiam de forma a fazerem valer normas e regras, havia punições severas a quem praticasse tal violência, e os pais tinham maior controle dos seus filhos, colocavam limites e valores, que hoje se perderam. A sociedade em si não respeita mais o próximo, são feitas normas e leis que dão muitos direitos (diga-se de passagem) ao menor adolescente. Tenho como opinião que está tudo demais!.”

Ao refletirmos sobre as respostas dos alunos aos questionários e as declarações das mães nas entrevistas, fica a nossa responsabilidade como profissionais da educação de não nos omitirmos. As crianças e jovens passam grande parte do seu tempo nas escolas e junto com os professores e colegas começam aprender alguns princípios considerados básicos para a vida e a formação de sua personalidade. É fundamental o papel dos educadores em se engajarem na prevenção do bullying.

Porém, a responsabilidade tanto do aprendizado quanto do desenvolvimento não é só dever da escola, mas também dos pais e, do ambiente social no qual vivem. Todos têm uma parcela de responsabilidade, mas sempre os maiores prejudicados com a omissão dos pais e da escola são sempre as crianças, tanto quando forem vítimas, como também autores.

Uma pesquisa realizada pelo psicólogo norueguês Dan Olweus acompanhou um grupo de adolescentes autores de bullying, entre 12 e 16 anos, ao longo de mais de uma década (estudo longitudinal). Ele concluiu que:

60% dos adolescentes agressores haviam sido penalizados com pelo menos uma condenação legal antes de completarem 24 anos de idade. Por isso, a ausência de um modelo educativo que associe auto realização pessoal, com atitudes solidárias, faz com que os agressores se sintam realizados com

atitudes maldosas. Não há como contestar que o bullying “abre portas” para a delinqüência e até induz a outros tipos de violência, e se não controlado, pode transformar nossos jovens em adultos estressados, intolerantes com a esposa, os filhos, no trabalho, além de predispostos a desenvolverem transtornos e doenças psicossomáticas. (OLWEUS apud SILVA, 2010, p.154-155)

Segundo sobre as conclusões do psicólogo norueguês Dan Olweus, a escola deve propor oposição a atitudes que levem o ser humano a atos de individualismo, de intolerância e de violência. Sabe-se que a omissão nestes casos facilita e reforça a ação dos agressores que se não forem tolhidos em suas atitudes de “maldades” poderão tornar-se adultos pouco sociáveis, propensos a desenvolver algum transtorno e até mesmo tornarem-se violentos com pessoas de sua relação, inclusive com a própria família. A escola tem um papel fundamental nesse processo que passa pelo combate às desigualdades, exclusões sociais e pelo respeito aos direitos de cidadania. Há também de se somar esforços junto com o poder público investido na formação e reciclagem dos profissionais que atendem estes alunos, além de políticas públicas que possam diminuir o alto nível de desigualdade social.

3.1 OS ENVOLVIDOS NO PROCESSO: AS TESTEMUNHAS

Muitos alunos procuram se manter afastados dos envolvidos de forma direta com o bullying, contudo, passam a ser expectadores participando indiretamente. Por motivos diferentes, a maioria das testemunhas fingem que não estão vendo as agressões, pois sentem medo de passarem a serem vítimas, além de suporem de que a escola tomará alguma atitude diante do fato.

Assim, as testemunhas acabam se sentindo mal ao ver o sofrimento das vítimas, e acabam colaborando para que os autores continuem praticando o bullying. Temos ainda os auxiliares, que são as pessoas que compartilham da agressão para poderem fazer parte do grupo considerado mais forte. Essas pessoas sentem certo prazer, pois acreditam que não serão uma possível vítima, preferindo, portanto, apoiar o líder praticante do bullying.

No caso dos incentivadores, estes se manifestam à parte, ou seja, acham graça das atitudes do agressor. Além disso, fazem chacota com a vítima, dando uma estimulação para que o agressor continue o seu ataque. Em relação aos observadores, estes permanecem afastados e não querem se envolver, ou seja, são aquelas pessoas omissas, que nada fazem e se afastam ou ainda, fingem que não estão vendo os ataques, pois também sentem medo de serem as próximas vítimas.

Por fim, os defensores são pessoas mais ativas, pois quando assistem a violência contra algum colega passam a defendê-los, chamando uma pessoa para que faça algo, não suportando a situação, pedindo ajuda.

Percebe-se que, grande parte das testemunhas adota a lei do silêncio, por medo de se tornarem a próxima vítima do autor do bullying, mesmo se sentindo incomodados em ficar assistindo às agressões. Acabam se revoltando com o fato da escola não ser um ambiente seguro. Na verdade não é, pois com a prática do bullying o rendimento escolar pode cair.

3.2 O(S) AGRESSOR(ES)

Conforme Lopes Neto (2005), os praticantes do bullying são conhecidos como autores ou agressores. Os alvos, as pessoas vitimadas, geralmente sofrem as conseqüências do *bullying* e, na maioria das vezes são descritas como pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa auto-estima, quietas e que não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. As testemunhas não participam diretamente em atos de *bullying* e geralmente se calam, por receio de tornarem-se as próximas vítimas.

Muitas vezes o agressor precisa tanto de ajuda quanto o vitimado. Na maioria das vezes ele tenta fazer a vítima sentir-se tão infeliz e inferior quanto ele próprio se sente. Para exemplificar descrevemos uma cena que parece comum nas escolas, como por exemplo: três garotos empurram e falam mal de outro, meninas colocam apelidos, jogam bolas de papel ou isolam uma criança que considera diferente. Conforme Lopes Neto:

Os praticantes do bullying são conhecidos como autores agressores. Os alvos, as pessoas vitimadas, geralmente sofrem as conseqüências do *bullying* e, na maioria das vezes são descritas como pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa auto-estima, quietas e que não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. (2005, p.164)

Na maioria das vezes o agressor não age sozinho. Ele conta com a cumplicidade de alguns amigos. Por meio, do poder que acha que possui para aterrorizar obtém seguidores que podem se sentir ameaçados. Às vezes o agressor já foi vítima da bullying, como preceitua a autora Sonia Makaron, analisaremos:

O intimidador é aquele sádico que põe em ação a sua malvadeza cujo traço principal é a covardia. Isso mesmo, o intimidador é, acima de tudo, um covarde, mas não por isso menos maléfico. Sua estratégia de ação é manipular palavras e pessoas. Tentar formar um pequeno exército que também deve se voltar contra a vítima. Ao perceber-se capaz de acuar e anular alguém se sente poderoso e triunfante.⁶

O autor do bullying quer demonstrar uma força e um domínio sobre as outras pessoas, escolhendo como seu alvo, aquele que for mais fraco, ou os que tiverem alguma diferença em relação aos demais. O gordo, o tímido, o novato, as pessoas que usam óculos, aparelhos dentários, os deficientes entre outros. Essas pessoas são os alvos para os autores do bullying, que muitas das vezes são tidos como líderes perversos da escola. A ação dos autores de bullying pode ser premeditada ou iniciada por qualquer motivo, pelo simples fato de querer mostrar que tem o poder, podendo mais do que qualquer outra pessoa.

Todavia, o agressor também não deixa de ser considerado como uma vítima, devido às circunstâncias que o levaram a cometer o bullying. Quem pratica o bullying precisa de ajuda tanto quanto a pessoa que sofre os maus-tratos. O autor do bullying pode causar transtornos a todos, inclusive para seus próprios pais.

⁶ Essas informações podem ser encontradas em: MAKARON, Sônia. **Bullying: Como enfrentá-lo?** Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf Acesso em 02/09/2010.

4 PROPOSTA PARA SE EVITAR O BULLYING NA ESCOLA

Para combater o bullying no âmbito escolar, deve-se primeiramente ter o reconhecimento que o mesmo existe, pois muitos estabelecimentos escolares negam que este fato ocorra. Todavia, não há como esconder este problema que está presente em nosso meio. Também devemos tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento sócio-educacional e para a estruturação da personalidade dos estudantes. A instituição deve capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento mais adequado para os casos. Além disso, fazer um chamamento que mobilize toda a comunidade escolar para abordagem deste tema, bem como traçar estratégias de prevenção e por que não, para erradicação deste mal que tanto nos preocupa.

Segundo as autoras Miriam Abramovay (Consultora do Banco Mundial) e Maria das Graças Rua (Consultora da UNESCO):

O bullying preocupa porque afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a idéia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência. (ABRAMOVAY, 2003, p.26)

Para que o bullying não aumente e declinem as estatísticas, faz-se necessário um trabalho coletivo de professores, pais, e alunos em torno do resgate da afetividade saudável no ambiente escolar. Este trabalho deve ser iniciado nos primeiros anos de escolarização, já que os pequenos têm um grande poder de propagar suas idéias. Além do mais, esta prática ameaça o que o homem tem de mais precioso: a sua dignidade. Não basta apenas o diálogo e o comprometimento dos responsáveis pelos alunos. Deve-se possibilitar que os alunos se engajem desde cedo em projetos solidários para que desenvolvam responsabilidade social. O sujeito poderá superar práticas de individualismo e de egoísmo, promovendo a capacidade de trabalhar em equipe e em prol de outros, não dando vazão para autoritarismo e imposições.

A escola tem o compromisso com a formação do indivíduo como sujeito da sua própria vida e é participante da construção da realidade. Prestes nos fala sobre isso:

O fundamento da ação dialógica encontra-se na participação do sujeito em um mundo compartilhado com outros sujeitos. A educação escolar precisa fazer valer as formas de vida que possam dar sentido à formação do sujeito racional, ou seja, garantir os processos de reprodução e de formação de identidade. (Prestes, 1996, p.106)

Sabe-se que a prevenção e a erradicação da violência nas escolas exigem relacionar conhecimento sensível, ético, valorização do jovem e criação de um clima agradável e participativo dentro do ambiente escolar. Temos que somar esforços dentro do ambiente escolar no resgate da tolerância, da solidariedade e do respeito individual. Isso depende muito do docente, que deve manter uma relação afetiva e positiva com seu grupo de alunos, de forma a exercer sua autoridade (não autoritarismo), estabelecendo objetivos, conduzindo conteúdos e contribuindo com os alunos para o exercício da cidadania. Cleo Fante nos diz:

Por meio de projetos solidários, estaremos desenvolvendo o protagonismo juvenil, proporcionando aos alunos a superação do isolamento e a participação nos problemas e acontecimentos da vida comunitária e, acima de tudo, aumentando sua capacidade de enfrentar as adversidades da vida. (2005, p.136)

A relação entre o afetivo e o cognitivo na escola aponta para o resgate de identidade da criança e também para o seu próprio desenvolvimento intelectual. Esta relação entre a afetividade e o desempenho no processo de aprendizagem corresponde à ambientação estabelecida.

Já que as boas relações promovem um ambiente mais agradável e prazeroso, elas possibilitam a oportunidade de um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz, do ponto de vista qualitativo. Boas relações se traduzem por meio de diálogo, de troca, de paciência, de compreensão e, acima de tudo, de tolerância.

Isso nos leva a considerar que a ação, tanto do professor como do aluno, deve ser partilhada para que se torne significativa. Assim, ambos, de forma consistente,

envolvem-se, tornando sua ação mais consciente. É preciso que o professor esteja atento para suscitar a afetividade em sala de aula. Isso diz respeito à comunicação aberta, a viver a afetividade em meio à diversidade. Nunca ignorando fatores de auto-estima, valorização do outro, bem-estar e alegria. Assim como vimos nas declarações daquelas mães a respeito do bullying e das atitudes do corpo docente da escola anterior, precisamos refletir sobre os nossos atos, conscientizando-nos da nossa postura enquanto educador.

Hoje se busca um ideal de escola mais sensível às mudanças do nosso tempo para dar conta de novos desafios. A escola deve ser um espaço de relações interpessoais sadias que contribuam para a preparação da criança e do jovem para uma vida adulta. Para Silva,

Atualmente tudo pode ser diferente. Temos o conhecimento, ou podemos adquiri-lo a qualquer momento, só depende da nossa vontade. O que antes era algo sem definição específica, hoje tem nome, sobrenome, descrição e reconhecimento psicossocial. Diante desta nova realidade, omitir-se é ser cúmplice da violência entre crianças e adolescentes no seu despertar, justamente no berço da educação e da socialização de cada ser humano. É na escola que iniciamos nossa longa jornada rumo à vida adulta, que nos transforma em cidadãos produtivos e solidários. (2010, p.14)

Considerando a literatura sobre a Violência nas escolas (versão resumida) Miriam Abramovay, 2003, o acervo dos ensaios e pesquisas promovidos pela UNESCO, é possível sistematizar algumas características que a escola deve incentivar no combate à violência:

1-Lugar de encontro de diversidade cultural e habilitado para formas criativas de solidariedade. 2-Potencial estratégico para tecer relações com a comunidade, especialmente a família, tendo os pais como parceiros para tal fim. 3-Possibilidade de experimentar medidas de prevenção e de acompanhar tanto a população-foco como as experiências implementadas de políticas públicas. 4-Formação de valores e transmissão de conhecimentos, o que tem prosseguimento nos processos de interação não somente entre professores e alunos, mas também entre os próprios estudantes. (ABRAMOVAY, 2003, p. 74)

Devemos dar o exemplo, sendo que a nossa relação com o educando deve ser permeada de respeito, considerando os limites, as potencialidades, as habilidades e o jeito de ser de cada um. Jamais podemos tolerar qualquer tipo de violência, de preconceito e de desrespeito ao próximo. Se fizermos isso, e conseguirmos a parceria entre professores, alunos e comunidade escolar, conseguiremos desvendar o segredo de uma verdadeira relação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos entender através do presente trabalho um pouco sobre bullying e sobre a sua influência no processo de aprendizado no âmbito escolar. Vimos que este fenômeno sempre existiu, mas começou a ser pesquisado de alguns anos para cá, porque passou a ser uma grande preocupação entre os estudiosos e interessados no assunto. A pesquisa qualitativa confirmou a presença de casos de bullying na escola estudada. O índice de 52% de alunos que já presenciaram alguma situação confirma a existência de bullying, além deste dado, 49% relataram que vivenciaram momentos constrangedores e repetitivos como apelidos e isolamentos. Observa-se também que os locais de maior incidência do bullying citados pelos entrevistados foram: na rua 23%, e na saída 19%, o que permite concluir que os agressores se aproveitam do momento em que suas vítimas se encontram indefesas, sem a presença de adultos.

De fato que o bullying existe, mesmo sendo uma realidade que ainda é pouco conhecida, que acontece em qualquer tipo de escola, devendo ser um aspecto que merece atenção entre os pais e educadores. Foi visto que os principais envolvidos são as crianças que se encontram em fase tanto de aprendizado merecendo uma maior atenção de todos os profissionais que sejam especializados no assunto, com a finalidade de evitar as consequências do bullying.

A família pode ser considerada como um aspecto principiante para a realização de uma análise do comportamento infantil. A partir do estudo da conduta do autor do bullying é que podemos chegar de maneira pontual ao ambiente no qual vive, e, assim, fazer a identificação de quais são os problemas que um jovem pode levar para dentro das escolas.

Todas as ações dos alunos são um espelho do que estes presenciam no seu ambiente familiar. Muitas vezes os agressores sofrem ou já sofreram agressões, têm histórico de abandono, abuso ou omissão familiar. Isso muitas vezes reflete negativamente no comportamento.

A escola pode ser a solução, pois deve ter um papel que seja mais eficiente, conscientizando as pessoas sobre a existência dos problemas. Deve preocupar-se em

controlar e fiscalizar toda a ação agressiva fazendo com que os pais participem de todos os fatos ocorridos no interior das mesmas, além disso, preparar os seus profissionais para que estes possam enfrentar o bullying. (SILVA, 2010)

Devido à violência ser uma forma de bullying escolar, o mesmo deverá ser combatido, para se evitar a preocupação que existe com o mesmo. Os jovens envolvidos necessitam de afeto e atenção. Além de tudo isso, deve haver o reconhecimento de que o bullying escolar não pode ser considerado como uma brincadeira, mas sim, como um fator prejudicial para qualquer pessoa. A autora Ana Beatriz Barbosa da Silva nos diz:

As brincadeiras acontecem de forma natural e espontânea entre os alunos. Eles “zoam”, colocam apelidos uns nos outros, tiram “sarros” dos demais e de si mesmos, dão muitas risadas e se divertem. No entanto quando as “brincadeiras” são realizadas repletas de “segundas intenções” e de perversidade, elas se tornam verdadeiros tre atos de violência que ultrapassam os limites de qualquer um. (2010, p.13)

Três documentos legais formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania.

Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais.

O envolvimento de toda a comunidade é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visa estabelecer a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. Isso só será viável através de uma parceria entre todos os segmentos da escola, partindo da elaboração coletiva dos princípios de convivência.

Assim, a realização desse trabalho, além de demonstrar um pouco mais sobre o bullying escolar, teve a intenção de mostrar a todos os interessados no assunto o conhecimento e a preocupação da sociedade relacionada com os jovens que são envolvidos no bullying escolar e os reflexos negativos que ele pode causar na vida dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas** (Versão resumida) – Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

LOPES NETO, A. **Bullying**: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), 81(5), 2005, p. 164-172.

MAKARON, Sônia. **Bullying**: Como enfrentá-lo? Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf acesso em 02/09/2010.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO INGLÊS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php>. Acesso em: 09 set. 2010.

PRESTES, Nadja. Hermann. **Educação e racionalidade**. Conexões e possibilidade de uma razão comunicativa na escola. Porto Alegre: EDIPURS, 1996.

PIÑON, Néida. **Aprendiz de Homero**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: Mentas Perigosas nas escolas- Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Revista Pirelli - Giro em casa, Ano 3, set./out. 2010.

<http://www.infoescola.com/sociologia/bullying-na-escola/> Acesso em 01/09/2010.

<http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm#Proposto>, Acesso em 12/09/2010

APÊNDICES

Questionário para as mães das vítimas do Bullying: (duas mães)

1. Qual a série do seu filho e qual a sua idade?
2. Em que momento você percebeu que havia algum problema com seu filho em relação à escola ?
3. Quanto tempo você considera que ele sofreu calado?
4. Quais foram os tipos de constrangimentos que fizeram ele passar?
5. Qual foi a postura da escola frente à sua queixa?
6. Como foi ou está sendo superado este problema que o seu filho enfrentou?
7. Você precisou de tratamento para seu filho depois desta situação? Qual?
8. Qual o seu conselho para que está vivenciando uma situação parecida?
9. Você considera que seu filho superou totalmente este episódio de sua vida ou ficaram marcas?
10. Qual o seu sentimento em relação a quem pratica bulliying?

Questionário realizado na escola, com as 5ª séries

1. Qual o seu sexo e sua idade?
2. Para você o que é Bullying?
3. Você já presenciou alguma situação na escola que lembra o Bullying?

() sim () não
4. Você já foi vítima do Bullying? () sim () não
5. Qual o local de maior incidência do bullying?
6. O que você pensa sobre esta prática?
7. Por que você acha que ainda existem colegas que praticam o bullying?

Entrevista feita com as vítimas: (dois alunos)

1. O que o agressor fazia com você?
2. Por que você não tinha coragem de contar para alguém?
3. Por que seu agressor tinha seguidores?
4. Qual o sentimento que você tinha quando era perseguido?
5. Em que momento você conseguiu desabafar?
6. Qual o sentimento que você tem em relação a quem pratica o Bullying?